

# O SÍTIO ARQUEOLÓGICO DO CASTELO DE D. DINIS. EVOLUÇÃO E SIGNIFICADO DENTRO DA PRAÇA-FORTE DE ALMEIDA

**João Campos**

*Arquitecto, M.Sc. Relações Interculturais, Ph.D História da Arte,  
Consultor para a Fortaleza de Almeida*



Intervención de João Campos (a la derecha del lector)

## INTRODUÇÃO

A minha comunicação centra-se sobre um património arquitectónico e arqueológico que se encontra no interior da cidade-fortaleza de Almeida. A sua existência tem sido negligenciada; porém, a redescoberta que venho propondo pode constituir um dos elementos mais fortes do valor patrimonial em presença, a seguir à fortaleza abaluartada propriamente dita, tendo em vista um desenvolvimento sustentado de Almeida.

A última edição do Município de Almeida de minha autoria, “O Castelo de D. Dinis e a Fronteira de Portugal”, contém o resultado de uma reflexão centrada sobre a área arqueológica e um projecto de intervenção, esperando oportunidades de equacionamento dos investimentos a fazer. Mas, sobretudo e enquanto o dinheiro não existir, constituirá um contributo para a consciência do caminho a prosseguir com vista à salvaguarda de um valor patrimonial excepcional – o qual está, cada vez mais, na base de qualquer quadro de sustentabilidade de uma comunidade que, entretanto, vem definhando.

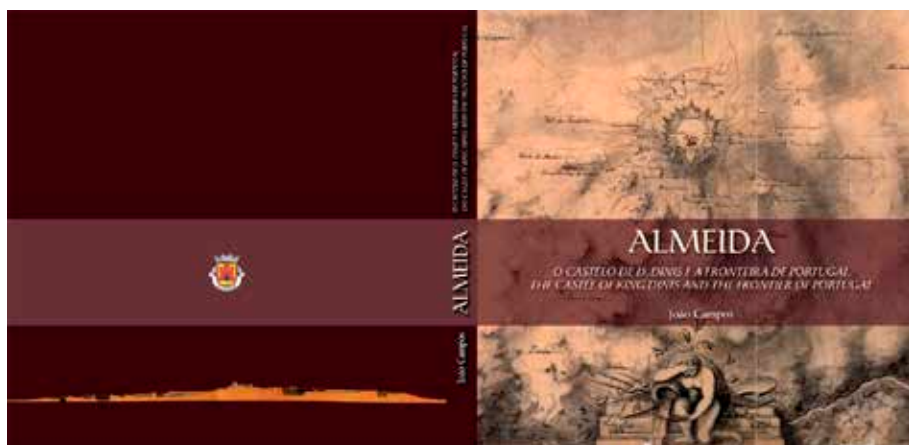


Figura 1. Contracapa e capa do livro “O Castelo de D. Dinis e a Fronteira de Portugal / The Castle of King Dinis and the Frontier of Portugal”, uma publicação do Município de Almeida contendo a contribuição do Autor para uma nova aproximação histórica e para o restauro e a reabilitação urbana do sítio arqueológico

Foram já realizadas acções de relevância nas muralhas da fortaleza, com vista à reanimação das actividades e ao esforço de um reconhecimento internacional pela UNESCO. A visibilidade de Almeida é fundamental para o recobro económico. Entretanto, outros aspectos não podem ser descurados e, aparte os baluartes, um dos aspectos de maior relevância é o campo arqueológico do Castelo, situado no ponto mais elevado da Praça-forte.



Figura 2. Vista aérea da cidade-fortaleza de Almeida. Na área à esquerda, o sítio arqueológico do Castelo Medieval

## CARACTERIZAÇÃO CRONOLÓGICA



Figura 3 (dupla). O sítio arqueológico do Castelo visto do alto da Torre do Relógio

Há algumas datas referentes a Almeida e que tiveram o maior impacto na configuração da sua fortificação: 1297, 1510, 1640, 1762, 1810. Esta cronologia representa uma sucessão de momentos significativos de Almeida, como ponto-chave da função de defesa nacional.

A primeira (1297) é a data do Tratado de Alcañices, quando se define um poder real centralizado e, verdadeiramente, fica desenhado o Estado Português, autonomamente afirmado dentre os reinos cristãos da Península. O rei português, D. Dinis, traçou uma estratégia que, até hoje, se verificou plena de

razão; ele negociava a paz com o seu jovem primo de Castela e Leão, promovendo o casamento de Constança, sua filha e de Isabel de Aragão, e impondo como seu o castelo que fundara pouco tempo antes em Almeida, no lado externo da fronteira natural, onde começa a Meseta castelhana.

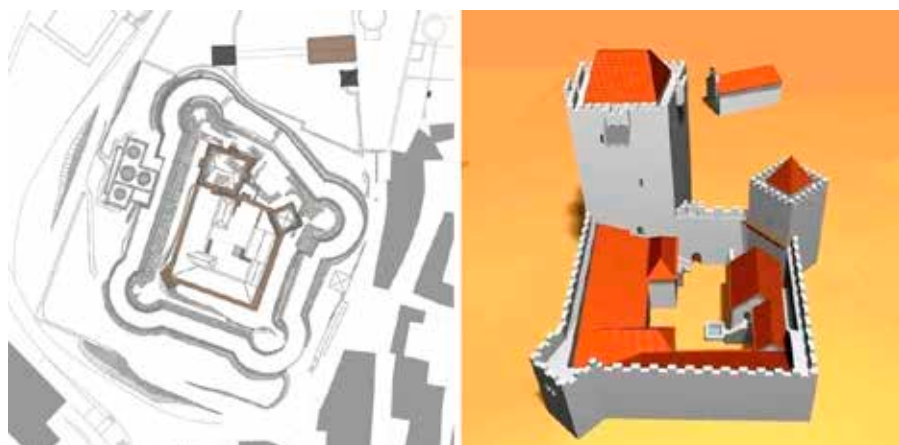


Figura 4 (dupla). Levantamento actual do sítio arqueológico com a planta do Castelo construído nos finais do século XIII e, no lado direito, a reconstrução 3D conjectural

Dois séculos depois, com guerras de sucessão pelo meio e promessas de união e de grandezas maiores para os reinos ibéricos, disfruta-se de um período de estreito relacionamento, plasmado nos resultados da Paz de Alcáçovas-Toledo (1479) e na assinatura do extraordinário Tratado de Tordesilhas (1494). Após sucessivos convénios matrimoniais para garantir os equilíbrios nacionais, o Grande Tratado é um casamento com separação de bens à escala mundial, tendo como pano fundo a vontade de uma união ibérica. No esplendor dos tempos de glória de há quinhentos anos, D. Manuel promove exercícios construtivos que pretendem ombrear com as alturas dos Reis Católicos, seus sogros. No Ultramar português vão acontecer avanços técnicos notáveis no domínio da arquitectura militar. Por essa altura (1510) realiza-se em Almeida, num tempo de paz, o mais interessante exemplar de transição da engenharia da guerra artilheira, assistindo-se a uma significativa evolução do castelo medieval.

As influências que chegam de Castela são determinantes, depois das experiências de D. João II na concepção da guerra marítima com artilharia e das novas construções manuelinas em África. É, porém, indubitável que a união de Aragão com Castela sob Isabel e Fernando (1474-1516) trouxe os benefícios das

experiências de fortificação levadas a cabo em Itália, gerando a possibilidade de desenvolvimentos reais na defesa, retirando também as lições da técnica da artilharia experimentada durante a Guerra da Sucessão contra Portugal e a França (1474-1476), a Guerra contra os Otomanos (1480-1482) e a Guerra de Granada (1482-1492). Esse esforço enorme de Castela e Aragão permitiu a criação de um corpo, vasto e profissional, de engenheiros militares com uma concepção moderna da guerra, e é num tal enquadramento que então se declara o novo estado espanhol.

A novidade dos traçados das fortalezas do final do século XV, primeiro em La Mota ou em Coca, depois em Salsas ou San Telmo, impõe-se com toda a força de uma transição para a modernidade. Almeida é a miniatura portuguesa de Medina del Campo, uma equiparação real para brindar os pergaminhos portugueses no casamento ibérico, sem descurar a afirmação de uma territorialidade.

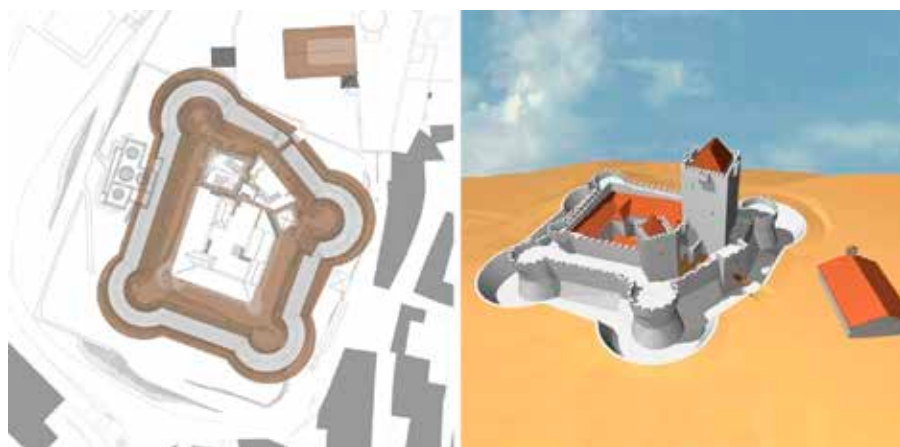


Figura 5 (dupla). Planta hipotética do Castelo Manuelino (c. 1508) sobreposta ao levantamento topográfico actual e, no lado direito, a reconstituição 3D conjectural

E a vanguarda da arquitectura militar europeia, partilhada entre os Estados Ibéricos, por vezes com contributos italianos teóricos de referência, são plasmados em realizações maiores como, no caso de Portugal, o baluarte de Belém ou o Castelo artilheiro de Vila Viçosa, determinados ainda no reinado de D. Manuel, ou, logo de seguida, a grande realização da primeira cidade-fortaleza abaluartada de Mazagão e as fortalezas do Golfo Pérsico, das ilhas do Atlântico e do Índico.

Assim, quando surge a Guerra da Restauração de Portugal e a emergência da construção de uma fronteira (1640), realizada ex-novo com uma dimensão enorme e em escasso tempo, Portugal está preparado para conceber novas máquinas de guerra. Almeida salienta-se, pela posição chave que continua a disfrutar na definição da fronteira. A realização da enorme obra abaluartada continua a suscitar a necessidade de prosseguir estudos conducentes à descoberta da sua autoria, mas dentro dela continuou existindo a estrutura herdada do tempo manuelino.

Após o desastre da explosão da torre de menagem no final do século XVII, a reconstrução da estrutura de defesa antiga vai ser feita já de acordo com as exigências da nova maneira de fazer a guerra.

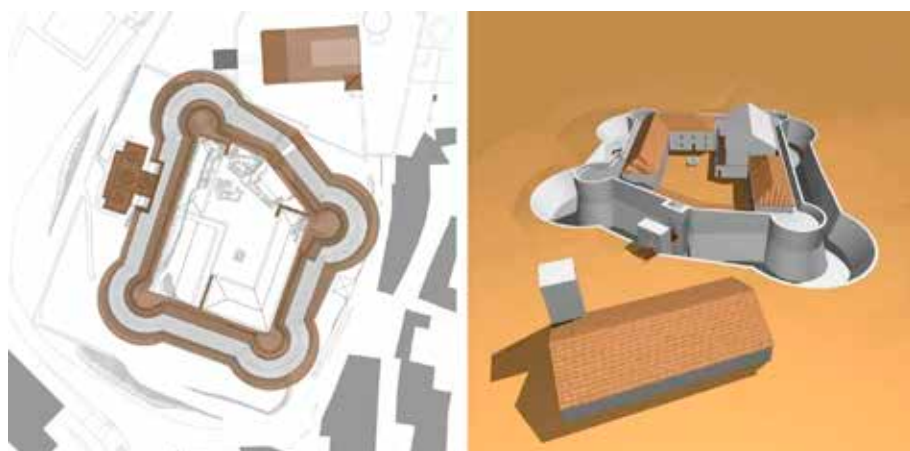


Figura 6 (dupla). Planta do Forte moderno da primeira metade do séc. XVIII sobreposta ao levantamento topográfico actual e, no lado direito, a reconstituição 3D conjectural

A imagem documentada pelos Engenheiros espanhóis, ocupados a desenhar a Praça-forte aquando da tomada de Almeida no final da Guerra dos Sete Anos (1762), mostra claramente como era o novo fortim moderno no meio da cintura estrelada. Nessa altura, a aparência da colina de Almeida desaparecera, com a configuração dos terraplenos junto da cortina da Porta de Santo António, gerando um novo urbanismo que incorpora o pequeno povoado do castelo medieval.

A abundante representação cartográfica do cerco vitorioso de Espanha em 1762 vai fornecer, como verdadeiro *study-case* do século XVIII, as bases da teoria do cerco napoleónico de Massena, no início da Terceira Invasão de

Portugal, em 1810. No final de Agosto desse ano, a estrutura militar que funcionava como paiol principal e armaria geral da Praça-forte de Almeida foi pelos ares, arruinando a fortaleza. O destino das ruínas do castelo, para além de material de reparação das brechas das muralhas, vai ser o da realização de uma plataforma com um Jardim Público, conservando os vestígios que as campanhas arqueológicas de meados do século XX voltarão a descobrir, pondo em evidência um documento histórico de enorme significado.

## **PROJECTO DE INTERVENÇÃO**

A reabilitação dessa memória histórica e patrimonial tem uma densidade muito forte e carece de ser explicada aos cidadãos. Atrair visitantes é imprescindível, valorizando a cidade-fortaleza.

O arranjo do conjunto das áreas exteriores implicará atenção especial quanto ao tipo de referências e ao aproveitamento de certas zonas, dotando cada ponto especial com a informação pertinente, motivando os visitantes para a descoberta. É necessário transmitir, em cada momento e lugar, onde se situa o espectador: tal implica que os visitantes sejam conduzidos à “porta” de entrada do Monumento, revelando os sucessivos aspectos maiores que a exposição no Museu de Sítio confirmará, pormenorizando com diagramas, esquemas e maquetas, para além da apresentação de materiais arqueológicos recolhidos.

O que propomos, como antevisão de um projecto de integração global para a zona do Alto de Almeida, é uma atitude extensiva de integração de todos os elementos presentes na zona, de modo a perfazerem um conjunto historicamente complexo e relevante. O desenho urbano e o tratamento dos espaços verdes contribuirão para que a fruição se revele plenamente alcançada.

O motivo central é, evidentemente, o Castelo. Há aspectos a restaurar e a complementar pontualmente, fazendo parte dos trabalhos de salvaguarda a retirada das estruturas que actualmente danificam o monumento. As acessibilidades e a iluminação do monumento revelam-se aspectos importantes no projecto a elaborar.



Figura 7. Plano geral das propostas preliminares para o sítio arqueológico do Castelo

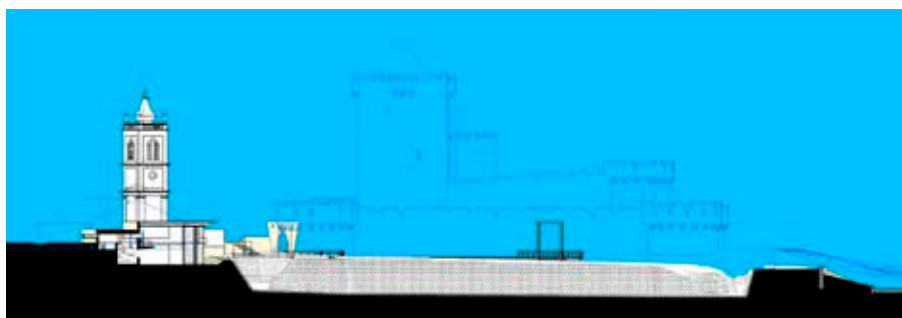


Figura 8. Perfil do Projecto integrado de revitalização do “Alto do Castelo”, passando pelo fosso Poente e Museu de Sítio proposto. Observa-se a nova “Porta” de entrada no recinto arqueológico do Castelo e sua “barreira artilheira”, e a estrutura do poço medieval. Em imagem de fundo temos os contornos do alçado Poente do Castelo Manuelino, de acordo com as exactas proporções derivadas do levantamento topográfico realizado, e o apontamento do volume da Igreja Matriz do lado Norte.



Para além das expectativas de uma campanha de escavações com o objectivo de desvendar o conhecimento da antiga Igreja Matriz (deverá existir muito material das sucessivas fases desde o século XIII), o esteio da apresentação é a última transformação que aconteceu, com a construção da Torre do Relógio nos fundamentos da sineira eclesial. Porém, há que contar com hipóteses entusiasmantes para o desenho do espaço, incluindo o novo espaço verde com a proposta de traçado segundo o hipotético eixo da nave central e das linhas das fachadas laterais.

A Porta e o novo sistema de acessos e estadas: a relevância das marcas do encontro da ponte de acesso sobre o fosso deve ser assinalada com a proposta de um pórtico, de concepção moderna, sem afectar qualquer vestígio arqueológico. Será uma forma de indicar como era o próprio funcionamento do Castelo, ao mesmo tempo que disciplina a organização dos percursos no sítio.

Existe também a indicação de reconfigurar, onde possível, a modelação aproximada do terreno do glacis, sobretudo após a remoção do posto de transformação que está implantado no local. Também na reconstituição do espaço circundante do bastião redondo Poente / Norte, em articulação com o projecto de construção do Museu de Sítio, poderá dar-se expressão a essa componente externa da edificação militar moderna. Por outro lado, e tendo em conta a expressiva presença dos restos da plataforma construída no século XIX para o jardim, julga-se que tal evidência deva ser valorizada.

São muito expressivas as ruínas das atafonas que serviam a importante indústria alimentar de Setecentos (numa altura em que a guarnição de Almeida poderia rondar os 4000 militares). Esse marco pode ser assinalado pela expressividade da arqueologia, mas ainda por se tratar de tema com vertentes didácticas significativas, incluindo a tecnologia ou a ecologia.

Em edificação simples e integrada, a encaixar no socalco que o terreno apresenta, proponho a implantação de construção com altura suficiente para albergar uma maquete de grandes dimensões, mostrando a configuração do castelo e facilitando a imediata confrontação com as ruínas adjacentes. O espaço deverá possibilitar as explicações sobre a Arquitectura Militar de Transição e mostrar os achados das escavações. Na entrada aponta-se a manutenção do alçado da capela mortuária do antigo cemitério, com os elementos de arqueologia que contém. A leitura proposta para o arranjo sugere que esse local seria, eventualmente, o da porta principal, na linha da última fachada principal da Igreja Matriz.



Figura 9. Vista do conjunto das medidas propostas, num “vol-d’oiseau” com aproximação a partir do quadrante Sul.

## **CONCLUSÃO, BREVE MAS ESPERANÇOSA**

Com um programa de intervenção delineado como aqui sugerimos, estamos crenes de que um progresso significativo poderá resultar na preparação de Almeida e da Praça-forte para os desafios que se colocam. Para além do dever cultural e cívico, é a consciência da necessidade de não deixar esmorecer a defesa de um Património ímpar que nos impõe entusiasmo perante o Futuro.

Será então possível organizarem-se perspectivas novas, beneficiando-se de um dos mais esquecidos mas promissores espaços – que se quer vivo – da História de Portugal.



Figura 10. A reabilitação da “Colina do Castelo” inclui um Museu de Sítio, um edifício para equipamentos e infraestruturas urbanas e um vasto miradouro, a modelação do glacis do fortim, onde possível, para além da inclusão de algumas novas marcas relacionadas com o restauro e a reintegração das evidências arqueológicas, assim como um circuito para visitantes enquadrado em área verde pública.

## FONTES E BIBLIOGRAFIA:

Armas, Duarte de, 1990: *Livro das Fortalezas*, Lisboa, fac-simile do Ms. 159 da Casa-Forte do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inapa.

Azevedo, Rui de, 1934: *Fronteras entre Portugal e Leão em Riba-Côa antes do Tratado de Alcanices (1297)*, Coimbra, Biblos, vol. 10, pp. 454-466.

Barroca, Mário Jorge, 1990-91: *Do Castelo da Reconquista ao Castelo Românico (Séc. IX a XII)*, Porto, Portugália, Nova Série, vol. XI-XII, pp. 89-136.

Cobos, Fernando, 2003: “Artilleria y Fortificación Ibérica de Transición en torno a 1500, in Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500)”, Actas do Colóquio Internacional 2002 (coord. Isabel Fernandes), Lisboa, C. M. Palmela, pp. 677-694.

Cobos, Fernando, 2004: “Dessins de fortifications dans «Os Desenhos das Antigualhas» du portugais Francisco de Holanda (1538-1540)”, Paris, Actas de Atlas Militaires Manuscrits Européens.

Cobos, Fernando e Campos, João, 2013: *Almeida / Ciudad Rodrigo – A Fortificação da Raia Central*, Salamanca, ed. trilingue do Consórcio Transfronteirizo de Ciudades Amuralladas.

Campos, João, 2008: *Arquitectura Militar Portuguesa no Golfo Pérsico*, Universidade de Coimbra.

Campos, João, 2009: *Três Pontas Notáveis numa Estrela Singular / Three Remarkable Points in a Unique Star*, C. M. de Almeida.

Campos, João (coord.), 2011: *Fortalezas e Tratados para serem as Fronteiras do Novo Mundo*, CEAMA nº 8, C. M. de Almeida.

Campos, João, 2014: *O Castelo de D. Dinis e a Fronteira de Portugal / The Castle of King Dinis and the Frontier of Portugal*, C. M. de Almeida.

Conceição, Margarida Tavares da, 2002: *Da vila cercada à praça de guerra: formação do espaço urbano em Almeida*, Horizonte, Lisboa.

Castro Fernández, José Javier et al., 2001: *Guía de la raya de las fortificaciones de la frontera*, Valladolid.

Pimentel, António Filipe, 2009: “A Porta Central do Reino: Relevância Epistemológica das Fortificações de Almeida”, Candidatura das Fortificações Abaluartadas da Raia Luso-Espanhola a Património Mundial - UNESCO, João Campos (coord.), C. M. de Almeida.

Teixeira, André, 2013: *O Castelo de Almeida – Arqueologia de um espaço de guerra multissecular* (catálogo da exposição, Agosto/Setembro de 2013), C. M. Almeida.